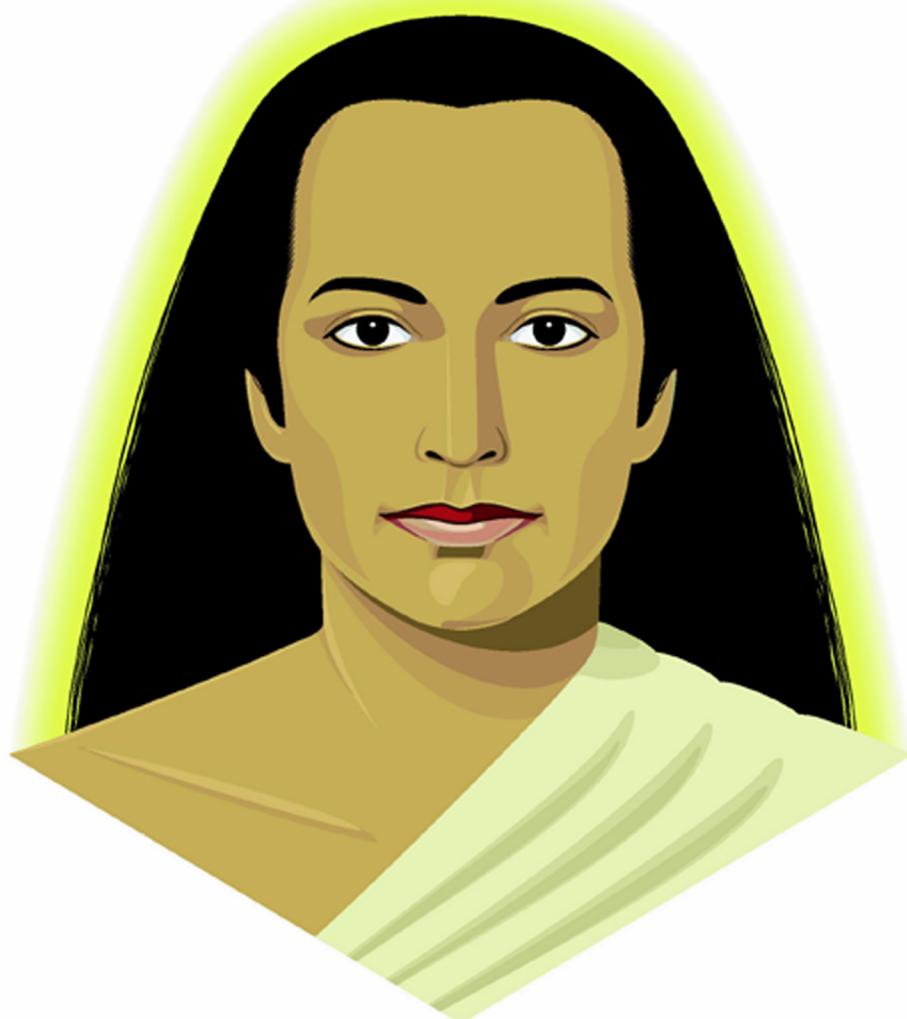


BABAJI

E OS 18 SIDDHAS



A TRADIÇÃO DA KRIYA YOGA

M. Govindan Satchidananda

A BUSCA DE BABAJI PELA AUTO-REALIZAÇÃO

Nagaraj sentiu que sua erudição não o estava aproximando da felicidade duradoura e da auto-realização. Sua insatisfação aumentava cada vez mais. Ele era como uma pessoa ao pé de um muro, saltando uma vez e outra para ter um vislumbre do belo jardim existente do outro lado. À medida que amadurecia, entendeu que somente uma mudança definitiva de consciência, a realização de Deus em sua pessoa, poderia encerrar sua busca de plenitude. Sua fama de erudito estava se tornando uma fonte de distração. Os debates metafísicos não o estavam aproximando da meta da iluminação. As palavras, por mais razoáveis que sejam, não conseguem captar a Verdade. No melhor dos casos, apontam o caminho para ela. Mas, para chegar ao alvo, é preciso ir além das palavras e arrazoados. Ele ainda não tinha encontrado um método nem um guia que o ajudasse a alcançar esse objetivo.

Peregrinação a Katirgama, Sri Lanka

Foi durante esse período, aos onze anos de idade, que ele fez uma viagem longa e difícil, a pé e de barco, com um grupo de ascetas eruditos, de Benares, na Índia, até o santuário de Katirgama, no Sri Lanka.

Katirgama fica perto do extremo sul da ilha de Sri Lanka (conhecida antigamente como Ceilão). A viagem de Babaji a Katirgama levou muitos meses. Quase 800 anos antes, Gautama Buda fez uma peregrinação semelhante ao santuário de Murugan em Katirgama. Desde então, esse tem sido o lugar mais venerado do Sri Lanka, tanto pelos hinduístas tâmeis quanto pelos budistas cingaleses. Os templos do complexo de Katirgama são administrados tanto por sacerdotes hinduístas quanto por budistas. Os membros de ambas as comunidades fazem suas devoções livre e coletivamente em todos os templos do lugar. Em tempos recentes, uma mesquita muçulmana também foi construída no local. Até hoje, Katirgama é um exemplo de harmonia religiosa, expressando o ensinamento universal dos *siddhas* de “uni-dade na diversidade”.

O templo de Katirgama

Construído pelo *siddha* Boganathar, o principal templo de Katirgama, ao contrário de todos os outros, não contém imagem alguma de Deus.

Em seu lugar, Boganathar instalou um *yantra* (desenho geométrico místico), gravado em uma lâmina de ouro, representando com sua forma e sílabas mântricas uma cristalização da grande divindade Murugan. Até hoje essa lâmina está protegida do olhar público. Somente os sacerdotes do templo podem vê-la. Uma vez por ano, durante uma celebração anual que geralmente acontece por volta do final de julho, o *yantra* é tirado do altar e levado em procissão nas costas de um elefante, escoltado por sacerdotes e uma enorme multidão de devotos. O poder místico desse *yantra* foi concedido pelo *siddha* Boganathar em benefício de todos os que procuraram a ajuda de Murugan (Ramaiah, 1982, vol. 3, p. 36). Ao longo dos séculos, Katirgama tem sido o cenário de muitos milagres.

O templo fica no meio de uma floresta, ao lado de um pequeno rio, Manika Ganga. Nessa floresta, desde tempos imemoriais, santos, sábios e *siddhas* praticaram austeridades. Por isso, hoje em dia, a atmosfera do local está carregada de vibrações espirituais.

Katirgama foi também o cenário do romance entre o deus Murugan e a princesa mortal Valli, uma jovem da etnia *vedda* (a população nativa do Sri Lanka). Foi em Katirgama que Kartikeya (um dos nomes de Murugan) a conheceu e a desposou. Diz a tradição que, desde essa época, o Senhor Kartikeya ou Murugan vive ali. Katiragam é uma *apabhramsa* ou corruptela de Kartikeya-grama, isto é, “a aldeia do Senhor Kartikeya”.

Babaji e Boganathar em Katirgama

Nagaraj encontrou o *siddha* Boganathar em Katirgama e, ao perceber sua grandeza, tornou-se seu discípulo. Sentado sob uma grande e frondosa figueira-brava¹ durante seis meses em sua companhia, Nagaraj realizou intensiva *sadhana* iogue (prática de *yoga*), principalmente várias *dhyana kriyas* (técnicas de meditação), nas quais foi iniciado por Boganathar. As *tapas* (práticas intensivas de *yoga*) eram realizadas durante longos períodos, sem interrupção — inicialmente por 24 horas, depois por dias e semanas, até chegar a 48 dias consecutivos. Durante esse período, Boganathar observava e progressivamente iniciou-o nas *kriyas* mais avançadas. Pela primeira vez, com o aprofundamento das experiências de meditação, as verdades estudadas e debatidas quando era um erudito tornaram-se realidade para ele. As várias *kriyas* de meditação abriram as algemas dos processos

1 O autor deste livro fez várias peregrinações ao lugar sagrado onde Babaji praticou austeridades sob a grande figueira-brava. Infelizmente, há cerca de 20 anos, um homem insensível cortou essa árvore. Alguns dias depois, esse homem enlouqueceu e enfocou-se. Mas, em 1985, um pequeno santuário foi construído no local, perto do portão principal do templo de Thaivani Amman (uma das designações da consorte do Senhor Murugan), no complexo de templos de Katirgama. O sacerdote do templo faz oferendas diárias no santuário de Babaji.

limitadores da mente pensante, permitindo que sua consciência se expandisse e compreendesse sua identidade com a Realidade Absoluta Indiferenciada. Depois de uma série de experiências, a consciência do eu recuou e estabeleceu-se e consolidou-se a consciência do Vós (Thou em inglês, Tao em chinês, Thaan em tâmil).

Nos primeiros estágios da comunhão com Deus (*Sarvikalpa Samadhi*), sua consciência fundiu-se com o Espírito Cósmico; sua força vital retirou-se do corpo físico, deixando-o completamente imóvel e frio, como se estivesse morto. As experiências de *samadhi* aprofundaram-se gradualmente ao longo dos meses em companhia de Boganathar. Chegaram ao clímax com uma visão do Senhor Kumaraswamy (Murugan em sua forma de Eterno Adolescente). Babaji percebeu que estava encarnando a consciência do Senhor Murugan². Sob a orientação de Boganathar, ele analisou exaustivamente os dez sistemas filosóficos da Índia e conseguiu compreender e apreciar todo o significado do *Siddhantham*.

A busca de iniciação com Agastyar em Courtrallam

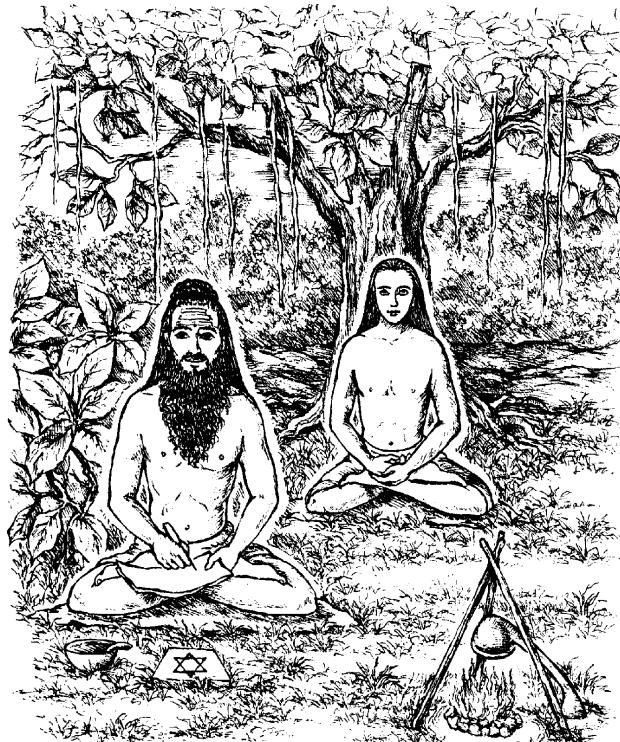
Nos tempos antigos, *siddhas* como Agastyar, Thirumular, Boganathar e Roma Rishi perceberam que sua capacidade de vivenciar e manifestar o Divino não se limitava ao plano espiritual da existência. O Divino podia e devia descer mais ainda, alcançando os níveis inferiores da consciência: o corpo intelectual, o corpo mental, o corpo vital e o corpo físico. Nessa descida, o Divino transforma esses corpos, fazendo com que passem de modos de ser limitados, independentes e habituais para modos que são expressões plenamente conscientes e harmoniosas da própria Divindade. Esse é um estado difícil de imaginar, dadas as limitações de nosso intelecto, com sua tendência de mediar a realidade oceânica com conceitos do tamanho de uma xícara de chá, confundindo o Real com suas representações mentais e intelectuais. É como o problema de alguém que está ao lado de um arranha-céu, tentando imaginar como é a vista do último andar. Os *siddhas* descobriram que, através da entrega progressiva de seu ser, seu ego e sua própria vida, em alguns casos excepcionais a Divindade descia e os transformava. Esse processo de transformação era acelerado pela prática intensiva de várias *kriyas*, como *asanas*, *dhyana*, mantras e *bhakti*, mas principalmente a *Kriya Kundalini Pranayama*. A transformação tornava-se então uma corrida contra o tempo, dada a tendência natural de o catabolismo (colapso das células e tecidos)

² Para um estudo exaustivo do Senhor Murugan, ver Fred W. Chothey, *The Many Faces of Murukan: the History and Meaning of a Southern Indian God* [As Muitas Faces de Murugan: História e Significado de um Deus do Sul da Índia].

exceder o anabolismo (crescimento celular) depois da idade de 25 anos, aproximadamente. Até essa idade, no ser humano normal, o anabolismo supera o catabolismo. Para manter uma taxa anabólica superior à taxa catabólica e prolongar a vida do corpo físico por tempo suficiente para a *Kriya Kundalini Pranayama* e outras técnicas ajudarem a completar o processo de transformação divina, muitos *siddhas* usaram compostos *kaya kalpa*, de ervas e sais minerais preparadas de acordo com fórmulas especiais.

Boganathar inspirou seu discípulo Babaji a buscar esse objetivo da *Siddhantha Yoga*. Por isso, instruiu-o a procurar iniciação em *Kriya Kundalini Pranayama* com o lendário *siddha* Agastyar, em Courtrallam, nos Montes Pothigai do Tamil Nadu, onde fica hoje o distrito de Tinnevely.

Babaji viajou a pé para Courtrallam, Tamil Nadu, Sul da Índia. E, ao chegar ao Santuário de Shakti, um dos 64 espalhados por toda a Índia em louvor à Divindade em sua condição de Mãe Divina, fez o voto solene de permanecer naquele lugar até Agastyar o iniciar nos segredos do *yoga*.



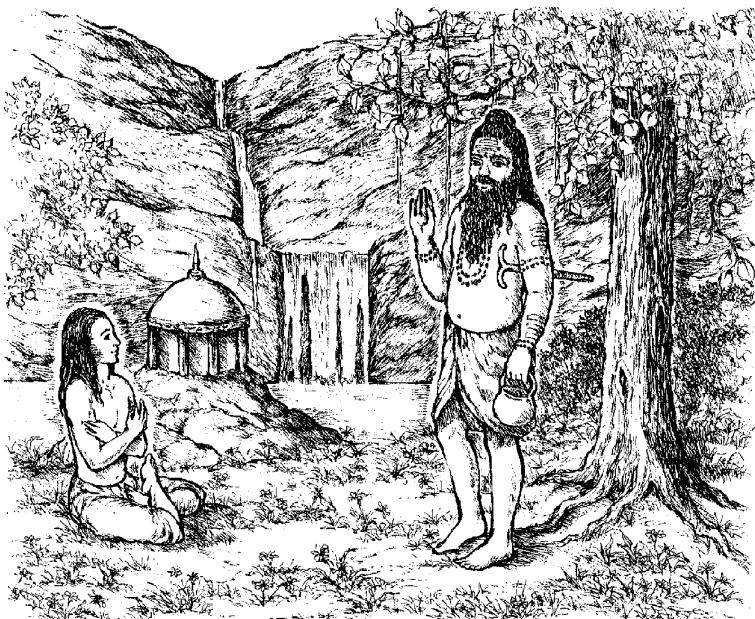
Boganathar e seu jovem discípulo Babaji Nagaraj em Katirgama, Sri Lanka.
(ver Capítulos 3 e 8.) Artista, Gail Tarrant.

Depois de se fixar em uma determinada *asana*, ou postura de meditação, a fim de se preparar para as provas que o aguardavam, Babaji fechou os olhos e começou a rezar. Rezou com todo o seu corpo, todo o seu coração, toda a sua inteligência e toda a sua alma durante dias. Rezou para Agastyar aparecer e iniciá-lo. Alguns peregrinos, reconhecendo a grandeza de sua busca, alimentavam-no ou davam-lhe água para beber de tempos em tempos. Apesar da chuva, da poeira, do calor e dos insetos, sua determinação era tão grande que ele não se permitia sair do lugar. Quando as dúvidas o assaltavam, rezava com ainda mais fervor, pedindo paciência. Quando as recordações de sua vida, de seus estudos e de sua fama vinham-lhe à mente, comparava-as com a poeira que agora flutuava ao seu redor. Nada tinha importância para ele – nem mesmo a morte. Não permitiria que o medo do sofrimento ou da aniquilação tomasse conta de seu ser. Seu amor por Agastyar, enquanto personificação do Divino que ele buscava, aumentava dia a dia, dispersando as nuvens do tédio, do desejo de conforto e do desespero, que ameaçavam engolfá-lo por todos os lados. Seu corpo físico tornava-se a cada dia mais emaciado e fraco. Babaji olhava-o como se já não lhe pertencesse. Entregou a vida nas mãos de Deus, na esperança de que Ele atendesse as suas preces e lhe permitisse ver Agastyar. Caso contrário, deixaria sua vida acabar. Não havia mais motivos para continuar vivendo, sem a iniciação de Agastyar.

No 48º dia, quando estava no limiar de um completo colapso, e só encontrava forças para repetir ininterruptamente, com grande amor, o nome de Agastyar, o grande *siddha* de repente se manifestou. Agastyar saiu da floresta e caminhou até onde Babaji estava sentado em oração. O coração do *siddha* enterneceu-se com o amor de Nagaraj. Agastyar chamou-o pelo nome, com voz suave, e depois o abraçou. Após lhe oferecer água e comida, iniciou-o nos segredos da *Kriya Kundalini Pranayama*, ou *Vasi Yogam*, como é também chamada nos escritos dos *siddhas*. Essa poderosa técnica de respiração é a cristalização de alguns dos ensinamentos mais importantes da *Siddha Yoga* tâmil.³

Agastyar enfatizou as condições rigorosas nas quais essa técnica devia ser praticada e seu potencial de despertar os níveis superiores da consciência, de levar à iluminação espiritual e, em última instância, de promover a completa transformação de todos os cinco corpos do homem: o físico, o vital, o mental, o intelectual e o espiritual. Depois instruiu Babaji a ir até Badrinath, nas montanhas mais altas do Himalaia, para se tornar o maior *Siddha* que o mundo já conheceu.

³ A *Kundalini Yoga* envolve o despertar da força primordial *Kundalini Shakti*, localizada na base da coluna, no chakra *Muladhara*, na região do períneo. E sua subsequente canalização para cima, ao longo dos seis chakras superiores, até o chakra *Sahasrara*, situado no topo da cabeça. Quando isso acontece, a pessoa tem uma experiência de consciência cósmica e bem-aventurança ilimitada.



Agastyar inicia Babaji no *Kundalini Pranayama* em Courtrallam. (ver Capítulos 3 e 7).

Soruba Samadi em Badrinath

Badrinath fica na Cordilheira do Himalaia, a uma altitude de 3.125 metros, poucos quilômetros ao sul da fronteira da Índia com o Tibete. Situa-se na confluência dos rios Rishi Ganga e Alaknanda. A região já foi coberta de cerejeiras silvestres, ou *badri*, das quais derivou seu nome. Protegendo o local, de ambos os lados, estão as montanhas Nar e Narayan. E, à distância, vê-se o pico Nilakanth, pairando a uma altitude de quase 7 mil metros. Perto dali, à beira da corrente azul-turquesa do rio Alaknanda, há uma fonte de água quente, a Tapt Kund. Joshimath, a cidadezinha mais próxima, recebeu seu nome de um dos quatro famosos mosteiros (*maths*) construídos por Adi Shankaracharya. Fica a 24 quilômetros ao sul de Badrinath. Entre meados de outubro e começo de maio, pesadas nevascas bloqueiam o caminho que vai de Joshimath a Badrinath. Só os mais corajosos iogues têm condições de viver em Badrinath o ano todo. Badrinath é, há milhares de anos, um lugar santificado pelas ermidas de santos, iogues, *rishis* e *siddhas*, bem como pela presença de um grande templo dedicado a Sri Badrinarayan (um dos nomes do Senhor Vishnu).

Os Vedas fazem referência ao templo de Sri Badrinarayan, indicando com isso que, muito antes da chegada de Babaji, esse já era um local de peregrinação para os hinduístas. Talvez tenha se tornado um lugar sagrado também para os budistas devido às missões enviadas pelo imperador Ashoka no século IV a.C. (Fonia, 1987, p. 112). O controle do local voltou às mãos dos hinduístas no século IX d.C., graças à intercessão de Sri Badrinarayan e à intervenção de Adi Shankaracharya, quase no final de sua vida.

A estátua de pedra de Sri Badrinarayan mostra um jovem do sexo masculino, sentado em posição de lótus, que apresenta notável semelhança com Babaji. Foi reinstalada por Adi Shankaracharya, que a encontrou ali perto, no rio Alaknanda, depois de ser guiado até ela por uma visão. Segundo o *Skanda Purana*, quando Adi Shankaracharya estava subindo até Ashta Khand, um lugar sagrado de meditação, uma *akashvani*, ou voz celestial, se dirigiu a ele: “Oh, Shankar, aquilo que você procura por meio da meditação pode ser obtido se reentronizar a estátua do Senhor Vishnu, que repousa no fundo do Narad Kund. Aproveite essa oportunidade e seja abençoado por isso”. Narad Kund é aquela parte do rio que fica ao lado de uma grande pedra arredondada pela erosão, bem em frente ao templo atual. Para cumprir a ordem divina, Adi Shankaracharya mergulhou no Narad Kund e recuperou a estátua do Senhor Vishnu. Ele a reentronizou e construiu à sua volta um templo em estilo arquitetônico característico do Sul da Índia. Eventos posteriores indicam que Ashta Khand, para onde Adi Shankaracharya se dirigia, era Joshimath, onde ele obteve mais tarde a Luz Divina. E que essa Luz era a própria *akashvani* (Fonia, 1987, p. 112).

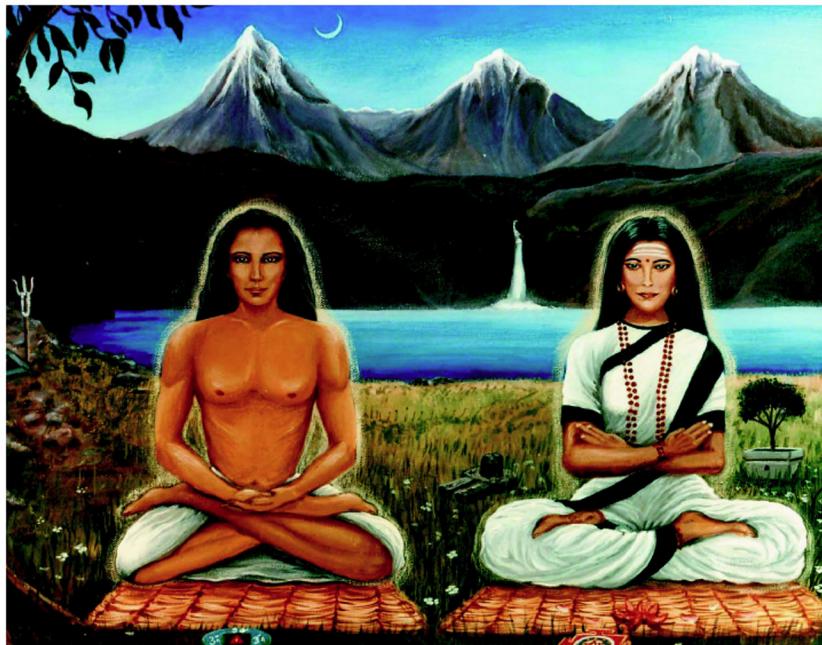
Desde cerca de 3200 a.C., quando, segundo o Srimad Bhagavatam, o Senhor Krishna ordenou a seu discípulo Uddhava que fosse a Badrikashrama e o contemplasse, as pessoas começaram a fazer peregrinação a esse lugar sagrado. É desejo de todo indiano religioso fazer uma peregrinação a Badrinath ao menos uma vez na vida. Desde tempos imemoriais, quando as viagens pelo Himalaia eram muito mais difíceis e perigosas, milhares de indianos, com grandes gastos e riscos pessoais, vinham de todas as regiões do país, ano após ano, prestar sua homenagem sincera ao Senhor Badrinarayan.

Os peregrinos sentem que seu carma negativo e seus impulsos maléficos são purificados com essas visitas aos locais sagrados. E acreditam obter *moksha*, a libertação da Roda do Samsara, o ciclo de nascimentos e mortes. Essa fé é testada na volta da peregrinação: se, depois da viagem, o peregrino se sente cheio de vibrações espirituais e consegue levar uma vida de devoção, justiça, pureza, verdade e amor é porque foi libertado e a peregrinação o levou a seu objetivo

supremo. Embora seu número seja pequeno, alguns peregrinos realmente alcançam essas alturas espirituais (Singh, 1980, pp. 14-5, 18-20).

Babaji fez a longa peregrinação até Badrinath e ali passou 18 “longos e solitários meses”, praticando intensivamente todas as *kriyas* ensinadas por seus gurus, Agastyar e Boganathar.

Depois de 18 meses de árdua disciplina iogue, Nagaraj entrou em estado de *Soruba Samadhi*, no qual a Divindade desceu, fundiu-se com ele e transformou todos os seus corpos – o espiritual, o intelectual, o mental, o vital e o físico. Seu corpo físico parou de envelhecer e cintilou com o brilho dourado da incorruptibilidade divina.



Babaji e Mataji (Annavi) em Gauri Shankar Pitam, o ashram de Babaji, perto de Badrinath, Norte da Índia.

Muitos santos e sábios realizaram Deus nos plano espiritual. Porém muito poucos foram capazes de uma completa entrega à Divindade, permitindo que ela se manifestasse plenamente nos planos intelectual, mental, vital e físico, a ponto de transmutar as próprias células do organismo. Babaji é um deles. Em um corpo imortal e sempre jovem, ele permanece oculto na Terra desde o século 3 d.C., desempenhando a missão de mestre dos mestres e guia dos profetas. Seus discípulos e devotos o consideram um *Mahasiddha* (Grande *Siddha* ou Iogue Perfeito) e um *Mahavatar* (Grande *Avatar* ou Encarnação Divina). Babaji foi o guru secreto de Adi Shankaracharya, o maior filósofo do Índia; do poeta Kabir, reverenciado por hindus e muçulmanos; e de Lahiri Mahasaya, exaltado nas páginas da *Autobiografia de um Iogue*, de Paramahansa Yogananda. O presente livro é uma das raras obras que fornece detalhes sobre sua biografia e missão, relacionando-o com a milenar Tradição dos *Siddhas* e explicando os fundamentos de sua maior contribuição ao desenvolvimento da humanidade, a recuperação e sistematização da antiquíssima e esquecida ciência da *Kriya Yoga*.